

# VÍDEO: UMA PRÁTICA CONCEITUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

*Daniele Antunes Barbosa Gome<sup>1</sup>*

*Josias Pereira<sup>2</sup>*

## Resumo

O referido artigo procura relatar a pesquisa quantitativa, de uma referida escola situada em Pelotas- RS, e como é utilizado o vídeo na prática pedagógica. Sendo possível constatar que 90% dos docentes desta instituição, fazem uso desta prática no enriquecimento de seus trabalhos no cotidiano, assim favorecendo a fixação e revisão dos conteúdos trabalhado no ambiente escolar. Obtendo informações de como são encontrados os vídeos, qual a plataforma é mais utilizada. Qual o ambiente mais utilizado para reproduzir está mídia tecnológica, sendo possível registrar a frequência desta prática no educandário. E como os professores acham importante esta interação entre educação e a utilização de vídeos em suas aulas. E a identificação do espaço mais utilizado para reprodução desta ação.

**Palavras chave:** Vídeo, Tecnologia, Ensino, Práticas Pedagógicas.

## 1. Introdução

O presente artigo, aborda uma pesquisa quantitativa, no qual procurou verificar se a utilização de vídeos é uma prática do cotidiano dos educadores, em uma escola situada no subúrbio de Pelotas- RS. O referente estudo, surgiu ao ser remanejada em maio de 2019 para mesma, como docente. Procurando seguir a metodologia da pesquisa de campo, sendo direcionada a professores que atuam do 1º ao 5º ano sendo titulares das referidas turmas, totalizando dez colaboradores regentes.

Como participo do grupo de pesquisa de “Produção de Vídeos Estudantil” da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL. Fiquei curiosa como são utilizadas as tecnologias neste ambiente, focando na utilização de vídeos em seu cotidiano.

A escola possui 302 alunos, sendo composta por 16 turmas que vai do pré-escolar até o quinto ano do ensino fundamental, possuindo professores titulares e professores de áreas específicas como artes, educação física, hora do conto, sendo disciplinas obrigatórias compondo o currículo da mesma.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação Matemática pela UFPEL, Membro do grupo de pesquisa em Produção de Vídeo Estudantil pela UFPEL, Psicopedagoga Clínica e Institucional pela UNINTER. Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela UNILAS. Especialista em Metodologia do Ensino em Matemática pela UCPEL Pedagoga pela UNINTER. Educadora Matemática pela UCPEL. Professora da Rede Municipal de Pelotas, atuação em Sala de Recursos Multifuncional (AEE) pelo CAPTA- Pelotas/RS. E-mail: abgdani@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas UFPEL, Mestre em Tecnologia Educacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UNIRIO, Pós-Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ, Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Professor do curso de Cinema e Audiovisual e da Pós-Graduação Educação Matemática/ Universidade Federal de Pelotas UFPEL.

O estudo tem como objetivo geral compreender se o vídeo faz parte do cotidiano pedagógico da escola. Assim procurando caracterizar como se dá esta prática docente com esta ferramenta tecnológica. Analisando as principais fontes de procura destes vídeos. A pesquisa delimitou-se em vinte de maio à três de junho de 2019.

### Diferentes olhares para um mesmo contexto

A origem da palavra tecnologia surge do francês *technologie* e do grego *technología*, A terminologia segundo o dicionário se remete a “teoria ou análise organizada das técnicas, procedimentos, métodos, regras, âmbitos ou campos da ação humana”.

Kenski, corrobora afirmando que:



As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovação. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias. KENSKI (2018, p. 15).

As tecnologias se fazem presentes a todo momento em nossa vida, sendo assim, esta ação, para muitas pessoas um hábito usual incutido em nosso cotidiano. Corroborando com esta afirmação, uma das pesquisadoras enfatizam que:



Com o auxílio da tecnologia ficou mais fácil para os professores terem acesso na escola. A internet nos proporciona esse acesso rápido e fácil, seja através do próprio celular ou das mídias disponíveis na escola.

Procurando entender um pouco da metodologia utilizada no âmbito da referida escola, foi realizada uma pesquisa quantitativa procurando analisar estatisticamente os resultados obtidos por meio das normas de uma pesquisa de campo, na qual possui características peculiares do levantamento de dados obtidos diretamente com o público alvo por meio de um questionário fechado, possuindo questões relacionadas a utilização de vídeos em sua prática docente. Dos dez educadores, nove entregaram a referente pesquisa, procurando preservar a identidade dos participantes, não foi solicitando a identificação.

Ao serem perguntados sobre a utilização de vídeos em sua prática pedagógica, a maioria afirma esta ação (Apêndice 1), mencionando utilizar como um reforçador, uma explicação complementar do conteúdo abordado como cita uma das participantes: “Utilizo vídeo sempre que possível. As crianças se concentram mais nas atividades e retém melhor as informações contidas neles”. Outra participante salienta que: “Exibe vídeos principalmente nas disciplinas de Ciências, Estudos Sociais, Ensino Religioso e Temas Transversais como material de apoio ao conteúdo trabalhado”. Enfatizando a realização desta ação, outra colaboradora afirma que: “O vídeo possibilita os conteúdos cheguem de maneira mais dinâmica, alinhada à realidade e de interesse das crianças”. Assim, esta prática pedagógica apresenta-se em 78% dos educadores pesquisados.

Ao serem questionados sobre como costumam encontrar os vídeos utilizados em sua prática pedagógica (Apêndice 2). Afirmando que 64% utilizam *You Tube*, por facilitar o encontro

dos conteúdos trabalhados, devido à grande diversificação oferecida nesta plataforma, como ressalta uma das informantes. “Através do *You Tube* encontro videoaulas, disponibilizadas gratuitamente, assim como, filmes educativos oferecidos no mesmo canal”. A maioria afirma que os vídeos facilitam o aprendizado e que ajudam na ilustração dos conteúdos estudados, facilitando a memorização.

Sobre a frequência de exibição destes vídeos, os questionados (Apêndice 3), afirmam que não possuem uma frequência exata nas exibições, sendo este público representado por 40% deste levantamento. Sendo possível a constatação de que a grande maioria faz uso desta ação.

Outro questionamento foi relacionado se a escola é acessível ao material, equipamento para reprodução estas mídias, sendo constatado que 67% afirmam ser uma escola acessível a este tipo de prática e 33% admitem não ter acesso a este material para reprodução destes vídeos na escola. Então procurando entender mais um pouco deste educandário, foi perguntado quais os espaços são oferecidos e utilizados para reprodução desta ação. Os 89% dos educadores reconhecem algum espaço do educandário como sendo propício para efetuar este tipo de prática aos alunos.

Após foi enfatizado quais os ambientes desta escola os pesquisados reconheciam como sendo um local para efetivação desta prática de mídia. Foi relatado pelos professores que a escola estipula locais como a biblioteca, sala de aula, refeitório e sala de informática para assistir estes vídeos. E confirmando estes relatos dos

pesquisados, 78% utilizam a biblioteca por ter uma TV de 40 polegadas acoplada na parede deste local (Apêndice 4), assim como os demais locais já citados acima, sendo destacado o agendamento prévio, para utilização destes espaços e equipamento portátil, necessitando auxílio na montagem do mesmo.

Os colaboradores ao serem perguntados qual a função pedagógica de exibir estes vídeos, relatam facilitar a aprendizagem e ilustrar os conteúdos trabalhados, ajudando na memorização e compreensão. Como cita uma das participantes:



O vídeo desperta o interesse dos alunos de maneira mais profunda, porque a parte visual ilustra o que está sendo contado, permitindo que possam visualizar exatamente como funciona ou como determina cada questão abordada em nossos estudos.

Porém possuímos vários olhares para o mesmo espaço de convívio, como enfatiza uma das colaboradoras que visa justificar a não utilização de vídeo, por não ter equipamento necessário na sala de aula, e por este fato, menciona não utilizar este tipo de ação com os seus alunos, achando difícil a locomoção e reserva do espaço, salientando ser mais fácil sua permanência em sala de aula, do que sair procurando o que vai passar para os alunos. Assim, este panorama encontra-se presente neste mesmo espaço.

Porém mesmo nos dias atuais, é possível perceber ambientes escolares de pura cópia e reprodução de exercícios em seus cadernos, ao longo dos meus estudos, deparei-me com uma entrevista da professora Heloisa Penteado para revista “Comunicação & Educação” no referido

ano de 2003, já preocupada com estes ambientes de aprendizagem acadêmica, enfatizando que:



Estamos vivendo um momento de grandes redefinições. O modelo tradicional de escola é alicerçado no modelo informacional de educação: a escola era o emissor do conhecimento; o professor era tido como o emissor, o detentor de conhecimento e o aluno o receptor. Hoje este é um modelo totalmente enviesado, quer dizer, há muito tempo, só que infelizmente ainda ele permanece... A didática é uma parte da pedagogia que não pode ignorar as tecnologias, não podem ser ignoradas, pois elas compõem o nosso mundo.

Após dezesseis anos deste relato, ainda é possível ver resistência na realidade do cotidiano deste educandário. Sendo constatado através desta pesquisa, a afirmação da colega citando a referida opinião "Como já mencionei, não utilizo vídeos em sala de aula". Por outro lado, este desabafo afirma ainda existir profissionais com uma visão mais tradicional, conservadora, como uma educação bancária. Reportando-me a uma educação bancária, explanada pelo nosso querido Paulo Freire:



Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educadores é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção "bancária" da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. FREIRE (2019, p. 80).

Triste é constatar que em pleno século XXI ainda é possível este tipo de prática em nosso cotidiano escolar. Porém precisamos nos situar,

os tempos já não são mais os mesmos de antigamente e nossa sociedade continua em constante processo evolutivo e precisamos ir nos adaptando ao novo público que vai surgindo em massa. Neste sentido Sibilia afirma que:

A atualização tecnocientífica da velha estrutura orgânica já não obedecendo às ordens arcaicas da evolução biológica. Com ela, pelo contrário, estaríamos inaugurando uma nova era: a da "evolução pós-humana" ou pós- evolução, que supera em velocidade e eficiência os lentos ritmos da evolução natural. (SIBILIA, 2002, p. 15)

Mas ainda acredito, em uma educação pública de qualidade! Porque até mesmo, trabalhamos com seres pensantes, seres estes que possuem sentimentos, seres que possuem diferentes habilidades de aprender, seres com vontade de superação e de entusiasmo pelo novo, pela descoberta de novas estratégias inseridas em nosso cotidiano! Reforçando uma aprendizagem por meio do prazer e satisfação como afirma PEREIRA; JANHKE.



Defendo que a escola deve gerar prazer, Prazer em conviver, em criar, em exercer o papel de sujeito, tanto dentro dos muros da escola, como na comunidade. Quando me perguntam o que eu sou, digo que sou um fazedor de sonhos e tento ajudar outras pessoas a sonharem acordado. (PEREIRA; JANHKE, 2012).

### Considerações finais

Foi possível verificar e constatar por meio da referida pesquisa que 90% dos educadores pesquisados fazem uso desta prática em seu cotidiano, complementando o conteúdo abordado. Sendo assim possível observar que, a maioria dos

vídeos reproduzidos são encontrados na plataforma do *You Tube*, por ser um ambiente virtual de fácil acesso. Não possuindo uma frequência específica destas exposições.

Por meio dos dados coletados, foi possível confirmar que a grande maioria realiza a efetiva ação de utilizar vídeos no referente educandário pesquisado, sendo este um processo utilizado em seus planejamentos pedagógicos, possuindo o reconhecimento da maioria dos profissionais como uma ferramenta que enriquece, favorece, colabora no aprendizado dos alunos, auxiliando a compreensão e memorização dos referidos conteúdos trabalhados neste espaço.

Também foi constatado que a escola não possui um espaço específico para reprodução destes vídeos, e que este obstáculo, não interfere na reprodução dos mesmos.

### Referências:

CASARIN, Helen De Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Ibpx, 2012f.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas/SP: Editora Papirus, 2018.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Papirus Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2019.

PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. De cabeça aberta para a educação (Entrevista com Heloísa Dupas Penteado). **Comunicação & Educação**, n. 26, p. 62-74, 2003.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: UFPel, 2012.

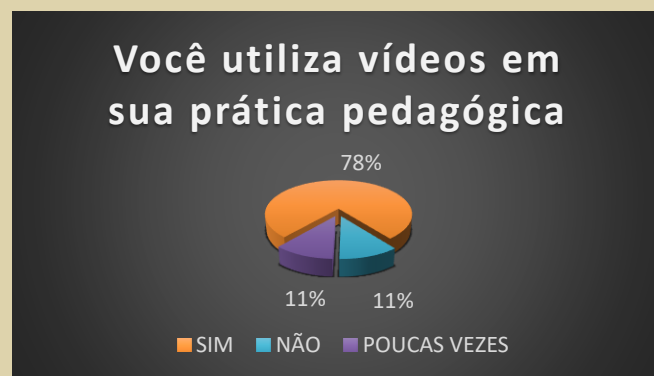
PENTEADO, Heloisa Dupas. De cabeça aberta para a educação. **Revista Comunicação & Educação**, 2003.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. In: **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. 2002.

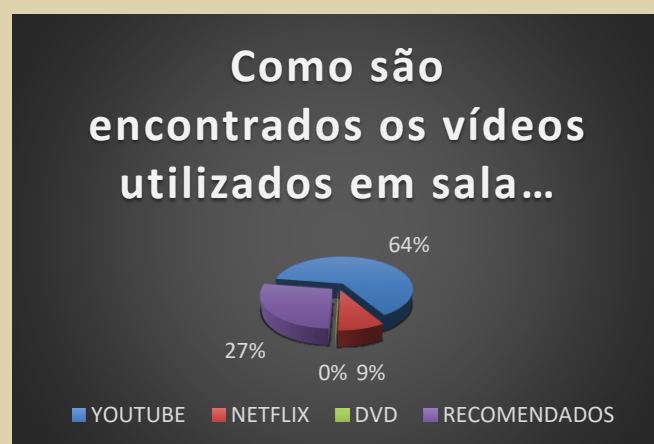
TECNOLOGIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tecnologia/> Acesso em: 25/07/2019.

### Apêndices:

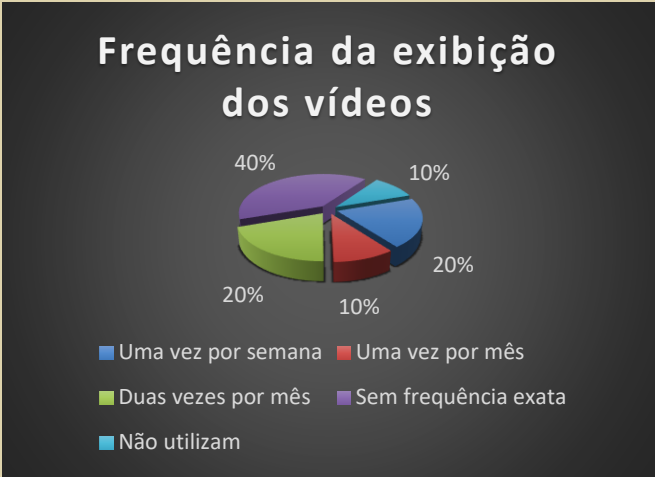
#### Apêndice 1:



#### Apêndice 2:



Apêndice 3:



Apêndice 4:

